

OS DESAFIOS DOS (AS) TRANSEXUAIS NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO

Ana Carla Costa Augusto⁽¹⁾; Paloma M^a Santos Fidelis da Silva⁽²⁾; Alexandre Santos Lima⁽³⁾

⁽¹⁾Instituto Federal da Paraíba - Campus João Pessoa. E-mail: augusta1920@hotmail.com; ⁽²⁾Instituto Federal da Paraíba – Campus João Pessoa. E-mail: palomamsfidelis@outlook.com; ⁽³⁾Instituto Federal da Paraíba – Campus João Pessoa. E-mail: alexandre.lima@ifpb.edu.br

Introdução

Desde o momento em que o (a) transexual decide dar início à sua transição, é inegável a luta do (a) mesmo (a) para combater as violências e opressões vividas em seus ambientes familiar, acadêmico e/ou profissional. Não estando ausente também, antes de sua transição – quando tardia –, o preconceito faz com que sua jornada na educação se torne desafiadora, uma vez que, o ambiente escolar trata-se do primeiro contato dos jovens com outras pessoas com exceção de sua família.

Nesse sentido, a escola é um ambiente no qual se travam severas batalhas. O direito a uma educação de qualidade pertence a todos os brasileiros e consta como dever do Estado desde a Constituição de 1988, sendo assim é inaceitável um espaço acadêmico marcado por discriminação, segregação e preconceito da comunidade estudantil com o sujeito. Porém, a falta de diálogo sobre identidade de gênero dentro das instituições ainda se faz presente, trazendo a falta de conhecimento sobre o assunto para os estudantes e funcionários, que como consequentes veem de outras formas por influência da família e/ou religião e/ou sociedade. A escola ainda silencia, quando não distorce, as demandas e realidade próprias da comunidade trans.

Há ainda o equívoco em relação ao conceito de identidade de gênero e orientação sexual, tendo como justificativa os estereótipos esperáveis das pessoas cisgênero e das pessoas LGBTQ+ na sociedade. Não se trata de com quem o sujeito irá se relacionar e sim de que gênero o mesmo se identifica, entretanto, sem o devido conhecimento sobre o assunto, torna-se comum confundir os conceitos e com isso, reproduzir o mal-entendido. Desta forma, considerando-se que é altamente recorrente na

sociedade não compreender os termos presentes na comunidade trans, é fundamental esclarecer e diferenciar estes conceitos.

Transexual é o indivíduo que não se identifica com seu gênero biológico, no caso ele não se sente confortável com o gênero que lhe foi designado ao nascer e com isso, requisita seus direitos legais e sociais como pertencente ao gênero que se identifica; travesti – o termo da comunidade trans mais marginalizado na sociedade – é a pessoa que, sendo transexual ou não, adota características e comportamentos atribuídos ao gênero oposto no contexto social; já o termo transgênero refere-se à toda diversidade trans, esta que, independentemente da orientação sexual se trata de abranger todas as “categorias” relacionadas à identidade e expressão de gênero, portanto se faz presente transexuais, travestis, pessoas não-binárias, *crossdressers*, *drag queens* e *drag kings*.

Avanços como a conquista do uso do nome social nos registros escolares da educação básica e como também a do uso do banheiro do gênero com o qual o sujeito se identifica, são significativos para a comunidade trans durante sua trajetória acadêmica, pois, sem os mesmos, são indiscutíveis as conseqüentes situações de constrangimentos para o próprio. Com isso, abre-se para o *bullying* e outros tipos de violências, acarretando numa possível desistência dos estudos e principalmente problemas psicológicos, a exemplo da depressão. A qual ainda é bastante recorrente com a comunidade transexual, sabendo-se que os índices de tentativas de suicídio são crescentes; de acordo com a *American Foundation for Suicide Prevention*, dos Estados Unidos, 41% dos (as) transexuais já tentaram cometer suicídio, comparado com uma taxa de 4,6% do povo estadunidense em geral.

Considera-se como objetivo deste estudo, relatar as vivências e percepções protagonizadas pelos (as) transexuais no meio acadêmico, apresentando seus desafios e problematizando-os, por meio de depoimentos sobre as experiências dos (as) mesmos (as) nos ambientes escolares.

Metodologia

Este estudo foi organizado em duas etapas: uma prática – depoimentos de transexuais – e uma teórica – estudo bibliográfico –. Foram coletados depoimentos de dois transexuais anônimos por meio de conversas. Utilizaremos nomes fictícios para nos referir aos entrevistados,

apresentando suas idades verdadeiras, de forma que se tenha consciência da situação transfóbica que se encontra ainda presente no contexto educacional independentemente da idade do indivíduo.

Felipe e Carol são estudantes de escolas públicas e contam suas experiências e obstáculos ao decorrer de suas trajetórias na educação básica. Eles nos mostram que o desrespeito existente na comunidade estudantil interfere diretamente suas vivências nas instituições.

No primeiro depoimento, conhecemos Felipe, com 17 anos, que estudou em apenas uma escola durante todo o ensino fundamental, e por se tratar de uma instituição com uma pequena comunidade estudantil, logo a mesma acompanhou e soube rapidamente de sua transição.

Carol, também com 17 anos, tem o apoio de sua família, porém em sua escola ela sofre o desrespeito por parte da comunidade de forma indireta. Nunca sofreu o *bullying* em si, entretanto, há a desconsideração correspondente à sua transição mediante estudantes e funcionários da instituição.

Resultados e Discussão

Antes de se identificar como homem transexual, para Felipe ele era apenas homossexual e de maneira homofóbica, os outros estudantes o oprimiam de forma verbal, ofendendo não só sua orientação sexual, mas como também sua aparência. Resultando na mudança de seu visual por conta de comentários e olhares maldosos, surgindo a insegurança e consequentemente a vergonha de si mesmo. Segundo dados da Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil (2016), 60% dos (as) estudantes LGBTQ+ se sentiam inseguros (as) na escola e 73% já foram agredidos (as) verbalmente no ambiente escolar, mostrando-nos que o caso de Felipe refere-se a uma situação presente na vida de vários (as) outros (as) estudantes e que, nesse sentido, trata-se de uma consequência causada pela comunidade estudantil.

Felipe era o único pertencente à comunidade LGBTQ+ de sua escola e, por este motivo, os alunos o tratavam diferente, criando-se uma exclusão social por parte deles, tornando-o solitário naquele ambiente. O fato de não

haver ajuda psicológica necessária na escola e, simultaneamente, o distanciamento e despreparo dos professores diante da situação, tornou-se ainda mais difícil a convivência durante anos na instituição supracitada.

Já as ocorrências de desrespeito com Carol, em sua escola, se trataram de casos de desprezo com sua identidade de gênero. Ela foi atrás de seu direito ao nome social nos registros escolares, mas não conseguiu, tendo como justificativa da direção da escola argumentos sem fundamentos; há também a presente desconsideração de seu gênero por parte de seus colegas e professores, que ainda lhe tratam como se fosse pertencente ao gênero oposto. Além da mesma não ser chamada pelo seu nome social, ainda tem-se o pronome masculino em sua referência.

De acordo com a Pesquisa sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar, do INEP (2009), o rendimento escolar se equipara com um ambiente hostil onde há o desrespeito e a omissão do mesmo. Dessa forma, o caso de Felipe, Carol e de outros (as) transexuais resulta em obstáculos na permanência no meio acadêmico, este que além da ocorrência de discriminação por parte da comunidade estudantil inclui também a possibilidade de, como citado, um rendimento escolar insatisfatório; sendo assim, tem-se a chance de surgir, para o sujeito, um viável cenário fora da escola.

Como exemplo deste cenário fora da escola, temos o de Carol, moradora de uma cidade pequena, conta que já houve um momento em que pensou em sair da escola e ir para a capital para entrar no ramo da prostituição. Esta alternativa é altamente recorrente para os (as) transexuais, levando em consideração os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA (2017), que apresenta um número elevado onde, no Brasil, 90% dos (as) transexuais e travestis estão presentes no mercado da prostituição. Torna-se importante ressaltar neste estudo que esta alternativa não se trata de uma mera escolha, isso ocorre na maioria das situações como resultante da falta de apoio e acolhimento da família do indivíduo – o que pode acarretar na desistência dos estudos por falta de assistência – e/ou da exclusão ainda presente no mercado de trabalho para os transexuais.

Conclusões

A luta dos (as) transexuais no ambiente escolar só está começando, porém, são inegáveis os pequenos

e significativos avanços conquistados pelos (as) mesmos (as) recentemente na educação. Há a necessidade da reprodução destas conquistas nas instituições e também a reprodução da importância das mesmas. A realidade das pessoas transexuais apresentada neste estudo é resultante da falta de conhecimento sobre a comunidade LGBTQ+ nas escolas, que tem como consequência a ignorância sobre o assunto e com ela, o desrespeito e a discriminação.

Conclui-se, portanto, que há uma constante falta de atenção por parte do governo dentro das escolas para com a comunidade transexual. De maneira que se faz necessária uma atuação não só na teoria, mas principalmente na prática, uma vez em que se trata mais de um problema social existente naquele ambiente do que um problema nas diretrizes das instituições. Torna-se fundamental falar sobre o assunto dentro das escolas, via palestras, projetos e oficinas, assim tendo como principal público não só os discentes, mas como também os funcionários e responsáveis dos estudantes.

Faz-se importante assegurar aos (às) transexuais uma qualidade de vida decorrente de um diploma, como também um cenário dentro do mercado de trabalho. Dando assistência dentro e fora da escola aos (às) mesmos (as) em prol da permanência na educação, de forma que haja um apoio psicopedagógico adequado nas instituições, mostrando que a vivência nas ruas não é uma saída. Devem ser ouvidas suas vozes, de maneira que se tenha conhecimento da urgência de uma educação de qualidade para a comunidade LGBTQ+, estando presentes no ambiente escolar pessoas que saibam respeitá-la e que a conceba o direito a ter direito.

Referências

ABGLT. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil. Disponível em: <<http://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>>. Acesso em 10 de fev. de 2018.

ANTRA. Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>. Acesso em 16 de fev. de 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em 23 de jan. de 2018.

FIPE; INEP. **Pesquisa sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade_apresentacao.pdf>. Acesso em 14 de fev. de 2018.

GENTLE, I. M.; ZENAIDE, M. N. T.; GUIMARÃES, V. M. G. **Gênero, Diversidade Sexual e Educação: Conceituação e Práticas de Direito e Políticas Públicas.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

HAAS, A. P; RODGERS, P. L; HERMAN, J. L. **Suicide attempts among transgender and gender non-confirming adults.** Disponível em: <<http://williamsinstitute.law.ucla.edu/wp-content/uploads/AFSP-Williams-Suicide-Report-Final.pdf>>. Acesso em 26 jan. de 2018.